# Resumo do livro O Trabalho do Ator, Stanislavski

##### Francisco Matelli Matulovic, Recriarte – Contrução I, Turma Noturna

O trabalho do ator é um livro de um escritor Russo chamado Stanislavski, que morou na Rússia no século passado. Dirigiu e ficou famoso com espetáculos de teatro que agradaram a elite russa, porém teve muitos desentendimentos políticos na trajetória de sua vida.

Esse livro foi escrito no fim de sua vida, com um apanhado de anotações que fez em toda a sua trajetória mas nunca teve tempo para sintetizá-los, nos momentos finais de sua vida, com mais tempo, decidiu redigir ir em um livro.

Este livro ficou muito popular no ocidente na década de 50 devido a uma tradução realizada com o intuito de divulgar o que ficou conhecido como método Stanislavski. Para formação em massa de atores, Hollywood se serviu desses ensinamentos para formar o seu batalhão de pessoas para atuarem.

Assim uma tradução mais recente tentou resgatar um pouco dos valores originais do livro trazendo o foco mas para uma discussão do que propriamente um ensino direto de um método.

Assim o livro é composto de uma estrutura bastante interessante. O próprio diretor, ator e autor Stanislavski é representado no livro como professor Torstov. Seus alunos têm nomes característicos que não foram traduzidos do Russo porém representam atores estereotipados como "rosto bonito", inteligente, curioso, talentoso, entre outros nomes.

Dentre estes existe um que também recebe muita atenção que ironicamente é uma mistura do próprio Stanislavski, com seu púpilo favorito Vakhtángov, só que no momento mais jovem e de início no seu curso com o teatro.

Assim temos uma visão clara no formato de um diário de como foi a passagem de um aluno novato recém-ingressado na academia de teatro russa até o final da sua formação como ator.

Por escrever toda a trajetória de aula, todo o conteúdo didático sintetizado por anos este livro representa um marco na metodologia do ensino e da didática do teatro. Abrangendo diversas situações e temas de interesse dos estudantes ele é muito amplo e completo. Estimula principalmente a independência do pensamento crítico do autor em cena.

Assim com a formação baseada neste livro e nos ensinamentos do Stanislavski espera-se que o ator tenha consciência da situação em que sua personagem está vivendo.

Sendo realista Stanislavski espera que seus alunos represente em fidedignamente as pessoas em seu estado natural. Assim esperava que tenhamos ações condizentes com que naturalmente teríamos. Por exemplo, uma situação que ele usa bastante para ensinar os seus alunos, é o que ele chama de um louco batendo à porta.

Pede para que seus alunos representem como as pessoas poderiam reagir ao saber que um maluco que fugiu do manicômio está tentando entrar na sala pela porta. Não é de se esperar que você sente no sofá acendo um cigarro e leia um jornal até o louco arrombar a sua porta.

Portanto a reação dos alunos é de enorme euforia que representam o estado de medo e vigilância constante, alternando ações como fazer uma barricada na porta se esconder embaixo da mesa entre outras. Ao longo do curso a repetição desse exercício se mostra enfadonha à maioria deles, já que eles apenas repetem as ações da sua primeira encenação.

Assim precisa constantemente provocá-los e criar novas situações com que ele chama de "se" mágico. Nesse contexto a palavra se representa uma alteração na situação em que exige uma ação. Usando o mesmo exemplo do louco ele poderia dizer para os alunos que o louco não estaria mais entrando pela porta da direita estava batendo na janela da esquerda e quase conseguindo entrar, assim a barricada foi feita na janela, porém quase que uma cena igual a primeira, pois as mesmos pessoas colocariam os mesmos objetos na janela.

Eentão uma perseguição constante de Stanislavski é fazer com que as pessoas se desprendam das suas amarras mentais. Criatividade, originalidade e representação fidedigna da realidade são a busca Stanislavski para com seus alunos.

Mais tecnicamente passa por capítulos em que ele fala sobre cortes. Assim como um peru de Natal não sei pode ser comido inteiro, uma peça de teatro também não, ela precisa ser dividida, coxa, sobrecoxa peito, e até mesmo essas grandes partes da ave para serem comidas, é necessário ser servidas fatiadas, e só assim a quantidade suficiente para que possamos colocar na boca, sentitmos o gosto sem nos entupimos.

A memória emotiva é um outro capítulo do livro que chama muita atenção por ser central e muitas discussões do teatro. Um exemplo que me chamou muita atenção nesse capítulo foi o de dois viajantes perdidos numa ilha.

Ao se ouvir o relato do primeiro ele escreveu as suas ações, assim que chegou na ilha tentou procurar abrigo, montou uma cabana, achou frutas, depois tentou caçar um animal, fez um sinal de fumaça para chamar a atenção, dormiu muito preocupado, lembrou-se de como entrou no Rio para buscar os peixes e como tentou montar uma lança afiada a partir de um bambu.

Assim o seu relato deixa nítido as suas ações porém não revela as emoções que estavam sentindo. O que é muito natural, não lembrarmos com foco de situações nas emoções que sentimos e sim nas ações que tomamos.

Já o segundo viajante relatou que primeiro sentiu muito medo, logo depois bastante frio, subitamente uma confiança tomou conta dele, ele partiu para a ação com base nessa confiança, isso fez com que ele tivesse pensamentos positivos, então assim ele conseguiu atingir uma segurança mental e bloqueou seu cérebro de pensamentos ruins.

Então o segundo fez um relato muito mais focado em emoções, assim a memória emotiva nada mais é do que trazer para ação, sentimento. Ou melhor dizendo, a ação deriva do sentimento, assim o viajante sentiu medo e então fez um abrigo, sentiu frio e então se cobriu com palha, sentiu fome, sentiu seguro, são todas as ações que derivam de um sentimento.

Então é muito corriqueiro no mundo do teatro observamos diretores atores e pessoas envolvidas, focando demais a sua atenção na ação, como diriam os gregos, mãos rasgando o ar. Porém não fica nem um pouco claro e nem transmite nada de emoção para quem está assistindo.

Uma das discussões dos últimos capítulos que para meu entendimento é central para que todos envolvidos na criação de uma peça tenham uma atendimento claro é o que ele denomina de super tarefa. A super tarefa é a representação do que o autor do texto tentou exprimir. assim todas as tarefas, todos os cortes todas, as cenas todas as ações tudo que ocorre no palco, tem esse elo em comum, que a super tarefa.

Nada, nenhuma uma ação tem, um pensamento, nenhuma atitude, nenhum som, nenhum passo deve ser dado sem que o ator esteja seguindo essa linha denominada como super tarefa o entendimento deve ser claro entre todos qual é a super tarefa da peça.

Entre seus capítulos Stanislavski então redigiu o que ficou conhecido como método o sistema Stanislavski. Já que foi um dos precursores muito didático autor de uma obra que é tanto quanto prática tanto quanto científica. Assim a popularização desse livro se deu nas escolas de teatro do acidente e até hoje é um ponto de partida na formação de muitos atores.

Assim, fecho o resumo desse livro com uma história que é do prefácio. Certa companhia de teatro tinha um ator que sempre levava o seu cachorro para os ensaios, o diretor observou que o cachorro sempre ficava a postos, após o ensaio, esperando seu dono, levantando prontamento poucos minutos antes do encerramento do ensaio.

Isso deixou o diretor muito intrigado, pensando como é que esse cachorro sabe que o ensaio terminou? Ele atentou para o fato de que o cachorro percebia que o ensaio terminava porque as pessoas voltavam agir de forma natural, enquanto estavam ensaiando e representando não transmitiam sequer para o cachorro naturalidade.

Assim de uma forma engraçada essa história nos conta que os atores em cena, se não passar verdade, não transmitirem as emoções corretas, até mesmo um cachorro vai conseguir perceber.